

ENTREVISTA DE DOMINGO Antonio Lucio de Lima, policial militar aposentado

# Os dons e as histórias de Lúcio

CARLA OLIVO

O envolvimento com o voluntariado e a marcenaria marca a história do mogiano Antonio Lucio de Lima, ex-festeiro do Divino Espírito Santo (2011) e de São Benedito (2014). Nascido no Bairro do Mogi Moderno, o segundo dos oito filhos do carpinteiro José Francisco de Lima Filho e da parteira da antiga Maternidade Mãe Pobre, Therezinha Franco de Lima, foi morar no Jardim Camila aos 7 anos, onde permaneceu após o casamento com a professora da rede municipal, Maria Ângela Aparecida Pires de Lima. Ainda na infância, ele concluiu o primário na Escola Estadual Célia Pinheiro Franco, no São João, mas interrompeu os estudos -

retomados anos mais tarde, no curso supletivo - para trabalhar e ajudar a família. Aos 11, já era servente de pedreiro em construções perto de casa, e em seguida, atendia, no balcão, a clientela da Padaria Canadá, na Rua Dr. Ricardo Vilela. De lá, trabalhou no Curtume Mogiano, no Rodeio, e na Elgin Máquinas, no São João, até ingressar na Polícia Militar, em 1980. Dois anos depois, passou a atuar em Mogi, principalmente no patrulhamento com motocicleta na área do trânsito. Como fazia palestras nas escolas de educação infantil públicas e privadas, foi o primeiro instrutor do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd) da Cidade, o que lhe rendeu o título

de Honra ao Mérito, entregue pela Câmara de Mogi. Após a aposentadoria, coordenou a Guarda Municipal e, desde 2005, dedica-se ao voluntariado. Um ano antes, o devoto do Divino Espírito Santo foi convidado para esculpir, em madeira, as pombas das bandeiras do então festeiro Akcel de Godoy e do capitão de mastro Gerson Barros. A partir daí, recebe uma média de 50 encomendas por ano deste que é um dos principais símbolos da festa comandada, em 2011, por ele e a mulher Maria Ângela. Há 10 anos, eles ajudam na barraca do café caipira, na quermesse, e em 2014, foram festeiros de São Benedito. Na entrevista a **O Diário**, Antonio Lucio conta suas histórias:

## Em qual região da Cidade o senhor nasceu?

Quando nasci, meus pais moravam em uma das travessas da Avenida Brasil, no Mogi Moderno, onde as ruas eram todas de terra e vivemos até meus 7 anos. De lá, nos mudamos para o Jardim Camila, que mais parecia uma selva, com várias plantações de eucalipto. Era só mato, terrenos livres para construção e ruas de terra, que formavam lamaçal quando chovia. Os caminhões de entrega de gás e de outras mercadorias tinham dificuldade para passar por lá, então, colocavam correntes nos pneus nestes dias. Na rua havia só três casas, além da nossa, que meu pai construiu. Comércio por lá, diferentemente de hoje, era raro, então, o jeito era vir para a Cidade, principalmente ao Mercado Municipal, para comprar o que precisávamos. Foi uma infância humilde, ao lado dos sete irmãos (José Maria, Rogério Francisco, Maria Isabel, Zulmira, Adalberto, Nazaré Cristina e Marcus Vinicius). Meu pai era carpinteiro e minha mãe trabalhava como parteira na antiga Maternidade Mãe Pobre (hoje Hospital Mogi D'Or) para nos sustentar. Nossa distração era brincar no jardim (Praça Oswaldo Cruz) e nos largos do Carmo e São Benedito (Bom Jesus), além de passear no Parque Municipal, Pico do Urubu e Cruz do Século aos finais de semana.

## Onde o senhor estudou?

Fiz o primário na Escola Estadual Célia Pinheiro Franco, na Avenida Getúlio Vargas, no São João, que primeiramente se chamava Firmínio Ladeira, antes da construção do atual prédio na Avenida Brasil. Mas aos 11 anos, já trabalhava como servente de pedreiro em obras perto de casa, durante o dia, e estudava à noite, então, acabei desistindo do curso e só completei os estudos anos mais tarde, quando já estava com 18 e fiz o supletivo no Colégio Acadêmico Mogiano, na época em que ele funcionava na Rua Barão da Jaceguai. Mas antes, aos 13 anos, fui atender no balcão da Padaria Canadá, na esquina das ruas Dr. Ricardo Vilela e Antônio Cândido Vieira, que era do seu Hermínio. A Cidade era bem menor, com ares de Interior, e a grande maioria das pessoas se conhecia. Ali fiz várias amizades e atendia pessoas da sociedade e políticos, como os ex-vereadores Luiz Beraldo de Miranda e Jair Salvarani, entre outros conhecidos.

## E depois?

De lá fui para o antigo Curtume Mogiano, no Rodeio, onde trabalhei na expedição até que a empresa faliu. Foi então que servi ao Tiro de Guerra, no tempo em que ele era comandado pelo capitão Antonio Mendes,

**"Para ser um voluntário completo da festa, é preciso passar pela experiência de ser festeiro"**

tendo como instrutor do pelotão o sargento Luís Evandro. Foi uma turma boa de amigos, que conservo até hoje. Depois da baixa, comecei na Elgin Máquinas, no São João, como ajudante geral, passando em seguida para ajudante de mecânica. A fábrica tinha mais de mil funcionários e todos os dias havia fila de pessoas em busca de emprego lá. Fiquei até 1980, quando fiz concurso e ingressei como soldado, na Polícia Militar. Após a escola, em São Paulo, trabalhei em Itaquera, Ferraz de Vasconcelos, Suzano e, em 1982, vim para Mogi. A zana sede era na Rua Otto Unger e como sempre gostei de lidar com o público, fiquei um bom tempo no trânsito, trabalhando com moto.



MEMÓRIAS Antonio Lúcio de Lima participa de eventos religiosos como voluntário e faz peças em madeira para a Festa do Divino

## Como era este trabalho?

Era tudo mais tranquilo do que hoje, mas a partir da instalação das universidades, a Cidade foi mudando, o aluguel ficou mais caro e o custo de vida subiu. Muitas pessoas vieram para cá estudar e acabaram ficando por aqui após o fim do curso. O movimento era tão grande que no horário de entrada e saída das aulas nós ajudávamos na travessia dos alunos em frente aos campi, na Francisco Rodrigues Filho, Francisco Franco e Narciso Yague Guimarães. Depois atuei na subsele da Associação dos Policiais Militares, em Mogi, e em 1999, como já fazia palestras sobre educação no trânsito, nas escolas estaduais, municipais e particulares, fui indicado para fazer o curso de aplicação do Proerd (Programa Educacional de Resistência às Drogas), em São Paulo. Foi o primeiro instrutor em Mogi, quando as atividades começaram nas escolas Célia Pinheiro Franco e Pedro Malozze. Este foi um trabalho muito gratificante, que me rendeu o título de Honra ao Mérito, entregue pela Câmara Municipal, em 2000. Dois anos depois, me aposentei, após 22 anos na Polícia Militar.

## O que o senhor fez após a aposentadoria?

Fui convidado pelo então prefeito Junji Abe para coordenar a Guarda Municipal, quando ela teve início, após o curso preparatório para os vigias. Fiquei 3 anos e meio, quando me sentindo cansado, fiz exames e descobri que estava com insuficiência cardíaca. Recebi quatro pontes de safena e uma mamária e pre-

cisei me afastar do trabalho e me aposentar mesmo. Foi aí que comecei a me dedicar 100% ao voluntariado, o que já fazia nas horas de folga. Quando ainda estava na Prefeitura, dava curso de pintura em madeira no Tradef (Trabalho de Apoio ao Deficiente). Em 2011 fiz curso de Marcenaria e Tapeçaria no Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e atualmente ensino os jovens do Instituto Anna de Moura.

## Quando teve início seu envolvimento com as festas religiosas?

Minha esposa sempre foi devota e eu ajudava, mas como trabalhava, não tinha condições de me dedicar totalmente. Aliás, nós nos conhecemos em uma das quermesses do Divino, quando ela estava trabalhando na quermesse, ainda no Largo da Matriz (Praça Coronel Almeida). Depois dali começamos a namorar e em 1988 nos casamos na Catedral de Santana. Quando eu ainda estava na Polícia Militar, fazia a escolta das Folias do Divino e tive contato com o pessoal da organização da festa. Há 10 anos, fui convidado para trabalhar na barraca do café caipira da quermesse e o professor Josemir (Ferraz de Campos) me lançou o desafio de construir um fogão à lenha no local. A partir daí, todos os anos, eu o faço usando barro e tijolos e desmonto ao final do evento. Sempre gostei de trabalhos em madeira e, em 2004, o festeiro Ackel e o capitão de maestro Gerson me encomendaram as pombas que vão na ponta das bandeiras. A partir daí, todos os anos, recebo cerca de 50 pedidos deste, mas também faço resplendores, oratórios e outras peças. E, em 2011, eu e minha mulher fomos festeiros do Divino, por indicação do

Jefferson e Flávia Cassola, que tinham comandado a festa no ano anterior.

## Como foi esta experiência?

Não tenho nem palavras para descrevê-la. Acho que para ser um voluntário completo da festa, é preciso passar pela experiência de ser festeiro, para conhecer e fazer de tudo no evento. Foi ótimo e, três anos depois, como sempre participamos das missas na Igreja de São Benedito (Santuário Bom Jesus), fomos escolhidos pela Irmandade como festeiros de lá.

Esta também foi uma experiência maravilhosa e fizemos várias inovações na festa, até por conta das exigências dos bombeiros devido ao incêndio na casa noturna de Santa Maria, no Sul. A Festa de São Benedito é a segunda em público depois da do Divino, acontece na área central da Cidade e não pode sair dali para não perder a característica de festa de paróquia, que acontece na praça, em frente à Igreja, com músicos no coreto e barracas em volta.

## O senhor tem participação em outras atividades na Cidade?

O pessoal das escolas sempre me procura para fazer os robôs de madeira usados nas festas juninas, então, durante o ano, vou adiantando estas encomendas para não acumulá-las com as pombas do Divino. Além disso, já tive participação no Lions Clube Mogi-Estância, que desenvolve um importante trabalho social, mas acabei me afastando quando fui festeiro do Divino e de São Benedito, tarefa que exige um ano de dedicação antes da festa.

## PERFIL

**NOME:** ANTONIO LUCIO DE LIMA  
**IDADE:** 57 ANOS  
**NASCIMENTO:** MOGI DAS CRUZES  
**ESTADO CIVIL:** CASADO HÁ 25 ANOS COM MARIA ÂNGELA APARECIDA PIRES DE LIMA  
**FILHOS:** PAULO HENRIQUE E GABRIELLA  
**FORMAÇÃO:** COLEGIAL (COLÉGIO ACADÊMICO)  
**TRABALHO:** POLICIAL MILITAR APOSENTADO

## Ficaram lembranças da Mogi das Cruzes de antigamente?

A Cidade não tinha muitas atrações e como policial trabalhei em bailes e no Carnaval do União e do Náutico, mas para me distrair, preferia os cinemas. Tínhamos o Parque, Odeon, Urupema e Avenida e hoje não há mais nenhum na Cidade. Eu gostava de assistir aos filmes de aventura, ficção e seriados com Mazzaropi (Amácio Mazzaropi, humorista), Zorro, Tarzan, entre outros filmes da época. Hoje, como não temos cinema na Cidade, os assisto pela TV por assinatura e todos em casa gostam muito disso. Sinto saudades, ainda, dos tempos de infância porque, apesar das dificuldades, a Cidade tinha um ar interiorano, não havia tanta violência e podíamos andar a pé com tranquilidade. Não reclamo da modernidade, porque o progresso é necessário, mas perdemos muito do sossego, apesar de Mogi ainda ser uma boa cidade para se viver, com qualidade de vida.

## Há mais recordações desta época?

Lembro que as ruas do Centro eram todas de paralelepípedo e depois, em um dos governos do Waldemar (Costa Filho, ex-prefeito), houve a cobertura com cimento asfáltico. No Mercado, era costume comprar doces cristalizados e de geleia, além de salgados, principalmente pastéis. Ali ainda há o tradicional concerto de panelas, que virou referência na Cidade. Já visitei outros mercados, como o de Campos do Jordão e Santo Antônio do Pinhal, mas não são iguais ao nosso, que apesar da característica de interior, é bastante diversificado.

## Quais são suas distrações?

Sou santista e gosto de acompanhar os jogos do meu time pela TV, assim como os telejornais, principalmente o **Diário TV**, que traz notícias de Mogi e Região. Por necessidade, após os problemas no coração, faço caminhadas diárias e academia três vezes por semana, além de hidroginástica. Também cozinho e um dos pratos preferidos é o rocambole salgado, recheado com presunto e queijo, frango ou atum. Temos uma casa no terreno do meu sogro, na Vila Moraes, onde minha mulher adora cozinhar no fogão à lenha e vou para lá todos os dias, cuidar da horta e da criação de labradores. Ali também temos muitas árvores frutíferas e preparo as mudas de palmito juçara, em sacos de leite ou garrafas pet, que são distribuídas na Entrada dos Palmitos da Festa do Divino. Neste ano, fornecemos 160 delas, mas em 2013, quando foram comemorados os 400 anos das comemorações na Cidade, preparamos 400 mudas para plantio nos parques Centenário, Municipal e em outros pontos da Cidade.

**"Apesar das dificuldades, a Cidade tinha um ar interiorano, não havia tanta violência"**